

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 30 de janeiro de 2013

Texto de referência: “Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?”, Exercícios dos Universitários de Comunhão e Libertação, supl. Passos, Jan/Fevereiro 2013, pp. 3-32.

- *Marta, Marta*
- *I Wonder*

Glória

Carrón: Tínhamos deixado como trabalho para esta noite, a introdução e a palestra dos Exercícios do CLU, que têm como título, como todos sabem, a frase de Pavese: “Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?”. Quero começar lendo um email que recebi e que testemunha como muitas vezes essa espera que nos constitui é reduzida, e o que é que nos permite tomar consciência dela: “Escrevo para contar um fato que me aconteceu e que esclareceu o trabalho que você propôs que fizéssemos sobre o texto dos Exercícios do CLU. No Natal, descobri que estava esperando o terceiro filho, que tanto desejei durante esses anos. Quanto li o livreto dos Exercícios, me tocou muito o tema que você escolheu e as cartas dos jovens. Também tinham me impressionado porque iluminavam a espera que eu estava vivendo, e me dei conta de como é verdade que normalmente esperamos, mas raramente percebemos o que realmente esperamos: esperamos coisas, pessoas, um filho que nos faça feliz, esquecendo-nos de Quem é o único que pode nos tornar felizes, a nós e as pessoas que amamos. Então, vivi cada dia pensando que dentro da espera do meu filho havia uma espera infinitamente maior. Quando, um mês depois, tive um aborto espontâneo, vi como o dar-se conta da espera que nos constitui recoloca tudo no seu lugar e nos faz ver a realidade na sua profundidade. No dia em que fui para o hospital, apesar de tudo, eu estava feliz por ter sido mãe outra vez e estava certa de que aquela pequena criatura tinha sido feita para esperar o infinito e que o tinha podido encontrar em tão breve tempo”. Fico impressionado como um fato desses pode nos ajudar, como ela diz, a ver a realidade na sua profundidade. O que nos permite ver a realidade na sua profundidade não é um raciocínio, não é uma dedução, mas um fato que acontece.

Colocação: *Sou chinês. Moro em Milão há três meses e, na Itália, há três anos e três meses. Formei-me na universidade de Bologna, com sede em Rímini. Inicialmente não sabia quase nada, nem a língua, nem os costumes do lugar, então vocês podem imaginar como cada dia era difícil para mim. No primeiro ano, achei que era uma pessoa forte, capaz de resolver todas as coisas que me acontecessem. Porém, quando me enganei e comprei água sanitária (inclusive tive de jogar fora todas as roupas que havia colocado na máquina de lavar) mudei de ideia: não é possível viver sozinho no mundo. Junho de 2011 foi o período mais difícil, mais complicado para mim, mas tudo mudou por causa de um sinal de Deus, uma ocasião acidental e magnífica: conheci muitos amigos no Meeting de Rímini. A partir daquele momento fiz amizades decisivas, com as quais me sinto muito bem porque tenho muito que aprender com eles, e não me canso de fazê-lo. Terminei a universidade no tempo certo, quase com as notas máximas, e quinze dias após a formatura encontrei um trabalho em Milão. Queria continuar em Rímini para ficar com aqueles queridos amigos, mas não encontrei trabalho por lá. Foi assim que comecei minha nova vida aqui. Estou muito feliz por poder ver Carrón ao vivo, antes o via sempre através do telão... muito prazer!*

Carrón: O prazer é meu!

Colocação: *Nestes dias, descobri um pouco a diferença entre estudo e trabalho. Digamos que enquanto alguém estuda, os objetivos já estão pré-fixados: passar nas provas e se formar. Com o trabalho é diferente: o objetivo do trabalho, assim como o objetivo da vida, precisa ser decidido. Sobretudo nós, jovens, precisamos saber o que faremos, como realizaremos o desejo que temos para a vida, mas é fácil esquecer dele quando repetimos o mesmo trabalho todos os dias. Na China, contamos uma história sobre a rã. Coloque a rã em uma panela e depois encha com água*

morna. No início, ela se sente a vontade, confortável, e diz: “Quero ficar aqui”. Aumente a temperatura da água aos poucos, assim, a rã não pensa em sair da panela. Enfim, a água ferve e a rã morre quase sem perceber. Então, nós, jovens, precisamos nos empenhar, usando os métodos adequados para não deixar que nossos desejos para a vida morram. Em Milão, passei dias bons e ruins. Sobretudo em dezembro, estava muito mal e falei um pouco sobre isso com um amigo meu; a única coisa que ele fez foi me fazer uma pergunta: “Agora, qual é a sua esperança?”. Era dezembro, então, no início, pensei: que o mundo não acabe, porque o dia 21 de dezembro está muito próximo. Mas – que alegria – o mundo não acabou naquele dia. Então, mudei a resposta: o início do ano já está próximo, é preciso agir, é uma época para ganhar dinheiro. Depois, pensei que mesmo quando a pessoa é rica, não é feliz, então, dinheiro não basta. Uma amiga me disse – e eu concordo com ela: “Não precisamos procurar quem sabe que tipo de esperança, precisamos apenas olhar aquilo que nos aconteceu”. Cada vez mais, Ele é a nossa única esperança, Jesus é o único que não nos ilude e que pode nos tornar felizes. Há um provérbio chinês que diz: se o percurso é de cem quilômetros, percorrer noventa seria como percorrer apenas metade. Então, esse caminho é longo, porém não devemos nos cansar de percorrê-lo. Estou muito orgulhoso de estar aqui com vocês, que estão comigo neste caminho, estou muito contente.

Carrón: Obrigado, caro. Bem-vindo. “Qual é a sua esperança?”: qualquer que seja a modalidade, qualquer que seja a origem, somos amigos se continuamos a fazer essa pergunta que nos impede de nos reduzirmos. Muitas vezes, pode acontecer como aconteceu com ele, através de um amigo, ou através de uma circunstância.

Colocação: *No início do ano, tinha uma certeza: que o trabalho estava indo exatamente como eu queria. Por outro lado, havia uma dificuldade: continuava a brigar com minha mulher, somos dois espíritos um pouco obstinados, nada de grave, mas... Na semana passada, surgiu um grave problema na empresa. Ficamos todos perdidos, todos muito abatidos com o ocorrido. Eu precisava falar com o pessoal, então me perguntei em que me apoiava para me manter de pé e enfrentar essa circunstância e para poder estar diante deles, até porque tudo parecia desmoronar. Então, antes de me encontrar com o pessoal, disse a mim mesmo: carrego uma certeza, estou certo de que tenho um destino bom, que eu sou amado por Jesus e que Ele tem um desígnio bom para mim. A partir daí, dentro dessa circunstância, que não é simples, que é difícil, que dá uma sensação de vertigem, foi como se essa certeza se firmasse ainda mais dentro de mim e emergiu mais forte o pedido de que Ele se mostrasse, que fizesse eu me lembrar dessa certeza com mais frequência. Inevitavelmente, minha postura começou a mudar e também comecei a ver as respostas, sob formas impensáveis (uma colega, que normalmente chega o trabalho às nove, me disse: “Amanhã chego às oito. Vou trabalhar no computador, é um trabalho banal, mas vou fazer com seriedade”; ou clientes dizendo: “Conhecemos vocês há anos, sabemos quem são e, portanto, para nós não muda nada”). Por isso, dentro da dificuldade começava a ter mais clara a percepção de quem eu era, e começava a ter aquela “consciência amorosa de mim” que nascia exatamente da consciência da minha consistência. Mas a surpresa, realmente impensável para mim, foi que amadureceu e tornou-se mais vivo o relacionamento com minha mulher. De fato, quando voltei para casa naquela noite, isso ficou realmente evidente. Entendo cada vez mais que a consciência disso me permite estar diante de uma circunstância que continua difícil, complicada, mas que me revela cada vez mais o Outro que dá sentido a mim e à realidade que tenho diante dos olhos.*

Carrón: É maravilhoso como um fato desses – ou como ter perdido um filho, ou como estar em um país tão diferente do próprio – pode abrir; porque você achou que tudo estava perfeito, mas a abertura desse abismo lhe permitiu entrar novamente em um relacionamento, e (como dizia o primeiro email) “ver a realidade na sua profundidade”, entender mais que tipo de possibilidade de mudança um fato pode introduzir, em relação à mulher e a si mesmo. Porque essa é a questão: não devemos esperar não sei que coisa, porque a realidade, sendo boa, nos surpreende. Não é que ele se vê tendo um relacionamento diferente com a mulher por ter feito não sei qual percurso de higiene mental; simplesmente, um fato escancara de novo a realidade e escancara de novo a espera, escancara de novo todo o eu e o faz tornar-se novamente si mesmo. Olhar para isso nos ajuda a responder as perguntas que chegam, como esta, de um amigo: “Escrevo para pedir ajuda para dar

um passo a mais na minha experiência. Trabalhando sobre a introdução dos Exercícios, fiquei impressionado por perceber o quanto eu, nas coisas que faço, sou dominado por essa espera permanente realmente incancelável. Tenho o desejo de que aquilo que tenho diante de mim no instante não termine no nada, não passe sem deixar rastros, isto é, existe dentro de mim o desejo não óbvio de ultrapassar a aparência. E reconheço isso no meu modo de estar diante dos pacientes, no relacionamento com a minha mulher, na inquietude que muitas vezes o relacionamento com meus colegas e com meus amigos provoca em mim. O ponto é que em muitas circunstâncias eu não suporto esse desejo infinito do meu coração, esse grito, e preferiria que ele não existisse, porque na maior parte das vezes fico triste porque toda essa urgência parece não encontrar realização no instante. Fico impressionado que, ao contrário, para você a espera não é algo a ser preenchido, mas já é o relacionamento com o Mistério, é ocasião de letícia porque já é sinal d'Ele, a espera é plena porque já é percepção do Mistério. 'Sou Eu que falto em cada coisa que você experimenta', como você diz. Dou-me conta de que ou a espera é esse reconhecimento, ou, se permanece vaga, se é apenas um vazio a ser preenchido, torna-se insuportável. Mas o que pode nos convencer de que a espera já está plena do Mistério?'. É isso o que muitas vezes temos dificuldade de reconhecer. Por isso, leio para vocês o que uma pessoa me escreveu, tocado pela frase de Pavese, que é o conteúdo dos Exercícios: "A primeira coisa que me surpreende é que estamos vivendo uma dinâmica parecida com a que vivemos trabalhando sobre o capítulo dez de *O senso religioso*, mas hoje, falando sobre a natureza do senso religioso. Como você disse uma vez: 'Dou a você todos os elementos, mas nesse instante você não se dá a vida' [capítulo dez de *O senso religioso*], indicando um dado que eu não percebia e, hoje, você nos diz: 'Dou a vocês todos os elementos [a convivência, a suspeita de que estamos fazendo uma lavagem cerebral, o ceticismo, o pensamento de que nada nos foi prometido e que não há a realização da espera, tudo aquilo que pode vir na cabeça de cada um], mas o desejo e a espera que vocês têm neste momento, vocês não deram a si mesmos'. Estão aqui, obstinadamente, não podemos eliminá-los, indicando outro dado que pertence à estrutura da nossa natureza: 'Essa é a genialidade de Pavese, que identificou nessa frase um dado absolutamente incancelável da experiência humana: quem de nós pode dizer, não importa o que pense, qualquer que seja a situação, que não espera?'. Quando trabalhamos o capítulo dez de *O senso religioso* chegamos a dizer: tudo bem, eu sei que não me dou a vida sozinho, sei que as coisas existem, mas tudo isso não me move. Hoje, com o capítulo quinto de *O senso religioso* [que fala sobre a espera], fazemos o mesmo raciocínio: sim, é claro que tenho perguntas, que desejo e espero, mas daí a dizer que existe a resposta, que existe o objeto desse desejo, há um abismo. Assim como ontem nos convidava a fazer experiência da realidade (o estupor pela existência: as coisas existem, existe o ser, eu já sou relação com um Tu), hoje nos convida a surpreender em ação a natureza da nossa natureza: espero, desejo. Fico surpreso com a atualidade dessa frase de Pavese, que descreve a mentalidade dominante que nos paralisa: 'Como é grande o pensamento de que *nada nos é devido*', que ninguém nos prometeu nada. E me surpreendo pensando que é alucinante o fato de que a ideia de que por natureza o eu seja um eu autônomo, não relacional, não feito estruturalmente por outro tenha sido transformada em pensamento dominante, de modo que minha inquietude, meu desejo, minha espera, são apenas um defeito de fábrica, um problema químico de uma evolução não realizada plenamente, a ponto de o trabalho de olhar para o nosso desejo, de ter presente a dinâmica da nossa espera nos parecer realmente um exagero, quando a coisa mais correspondente ao nosso eu é exatamente esse esperar. Como é radicada em nós a ideia de que ninguém nos prometeu nada! E descobri que a frase de Pavese precisa ser decifrada, porque senão, não a entendemos (e pensamos que significa outra coisa): que bonito pensar que já temos tudo, que ninguém nos deve nada, que não nos falta nenhum dom da graça, isto é, que o fato de esperar contém tudo. Ontem o desafio era ceder à insistência de Dom Giussani: 'Não estamos habituados a olhar como presença uma folha presente, uma flor presente, uma pessoa presente, não estamos habituados a fixar como presença as coisas presentes', hoje o desafio é encarar a sua provocação: entre a espera e a negação da espera, qual vencerá? Por que é mais justo olhar para a espera? E, sobretudo, é necessário ceder ao trabalho de reconhecer [este é o ponto] que na espera e no desejo já está presente a promessa, isto é, que a espera e o desejo é o lugar do Tu [isto é, a espera é o grito mais potente do Tu, porque sem este Tu não existiria a espera]. Eu sou a saudade de um Tu que me promete algo. Se um tempo atrás entendi

que eu não parto do zero carregando nos ombros o meu drama porque existo, porque as coisas existem, porque aqui e agora estou em relação com Aquele que está me fazendo, hoje posso reconhecer no meu desejo e na minha espera o ponto religioso por antonomásia: o meu desejo é desejo d'Ele, a minha espera é espera d'Ele". E por que isso? Porque assim como o fato de eu existir grita que há um Outro que me faz, do mesmo modo o fato de eu esperar grita que há um Outro que está me chamando, está me prometendo alguma coisa, na própria estrutura do meu eu. Se não nos damos conta disso, nós esvaziamos a espera do Mistério, e depois tentamos ver como nós resolvemos a questão. O fato é que a espera já é o primeiro sinal do Mistério, já é o grito mais potente do Mistério. Por isso, sempre dou a vocês o exemplo da saudade, porque a saudade é o sinal mais evidente de que existe o outro; de fato, sem o outro eu não teria saudade dele. Por isso, é preciso começar a olhar a espera e o desejo a partir da coisa mais simples de entender, daquilo que nos ajuda, porque se nós entendemos isso, será mais fácil poder abraçar a espera, porque a espera já é toda plena do Mistério. É assim, querendo ou não – vocês podem reconhecer ou não mas é assim, é assim, não preciso mantê-lo com a minha energia, com a minha força de vontade, com a minha capacidade. Não, não, é assim! –, e é o que Pavese entendeu: por que esperamos? Esperamos: este é o dado mais teimoso que possa existir, tanto que pertence à natureza do eu, portanto a natureza da espera é um problema de conhecimento. Sem isso, nós saímos em busca de soluções improváveis, enquanto bastaria reconhecer que a espera é espera d'Ele para que pudéssemos senti-la já inteiramente abraçada. Está ali, enquanto nós O buscamos em outro lugar, está ali! E não vai embora porque nós não O reconhecemos; está ali, na nossa espera, está ali dentro, preenchendo-a, suscitando-a, despertando-a, está ali! E então a pessoa entende que tipo de dom é a espera, essa espera estrutural que nos constitui: é o primeiro passo para reconhecê-Lo.

Colocação: *Senti a proposta que o Movimento nos fez neste período como profundamente unitária. Fiquei muito impressionada com as duas facetas dela. De um lado, uma insistência, como você está fazendo agora, sobre a minha natureza como espera. Fiquei radiante com a poesia de Rilke: “Sempre distraído pela espera, / como se tudo te anunciasse a amada”, porque a pessoa é distraída...*

Carrón: Esses são os gênios que nos ajudam a entrar no ser: “Como se tudo te anunciasse a amada”. Por quê? Essa é a saudade d'Ele. Os gênios, como dizia Dom Giussani, são profetas porque gritam diante de todos aquilo que é a natureza de todos.

Colocação: *Entre outras coisas, fiquei impressionada com “distraído pela espera”, porque queira ou não queira, esperamos.*

Carrón: É isso!

Colocação: *Por outro lado, fiquei impressionada quando li, ao mesmo tempo em que lia o texto dos Exercícios do CLU, a proposta do Movimento sobre as eleições contida na Nota publicada no dia 2 de janeiro, porque entendi essas duas facetas, em última instância, não como duas coisas separadas, mas como se me chamassem à mesma postura diante da realidade. Uma postura que vi em mim, percebendo-me humilde, sem presunção diante da realidade. Essa postura, tão inédita para mim no que diz respeito às eleições, fez-me experimentar esse não-saber não como o contrário de uma certeza, mas como uma força, porque nesse não-saber finalmente percebi-me necessitada de escutar, de entender, de falar com todos, de entender as razões de todos. E, assim, a grande razão da minha vida tornou-se uma curiosidade em relação à razão de todos. Nessa postura de espera, sinto que aquilo que você chamou a atenção no CLU e aquilo que diz a Nota sobre as eleições têm para mim esse ponto de tangência: uma humildade diante da realidade. E retomei novamente a consciência do alcance histórico do Movimento, dos gestos que fazemos; por exemplo, lendo a Nota, me marcou o valor histórico da educação dos jovens, da minha profissão de professora ou de fazer Escola de Comunidade com os colegiais, porque este meu não-saber que é totalmente curioso e, por isso, humilde diante da realidade é, no entanto, algo que está junto com o fato de que eu estou certa, certa de um Fato ao qual pertença e que é a única coisa que tenho a dizer ao mundo. Sobre o resto, quero aprender com todos.*

Carrón: A partir daquilo que você disse, quero propor cinco pontos como percurso para nos introduzir na atual situação política.

1) *A nossa necessidade.* Somos chamados a votar. Já sabemos em quem votar? Diante da situação atual, o que mais nos favorece é cada um partir da própria necessidade, que é necessidade de clareza, de compreender os dados da situação, o que não é absolutamente óbvio. Antes de tudo, portanto, é preciso essa humildade, porque desta vez, dada a complexidade da situação, as coisas não ficam claras imediatamente. Mas essa necessidade de saber como viver as eleições, devemos vivê-la como um sujeito que tem fé, um sujeito cristão, eclesial. Daqui, nasce o segundo ponto.

2) *A fé e sua verificação.* Como a experiência de fé que vivo me ajuda a enfrentar essa necessidade de alcançar uma clareza? Cada um de nós tem um ponto de verificação da pertinência da fé com a exigência de clareza em relação às eleições: como entendeu e usou a Nota de CL de 2 de janeiro. Muitos passaram por cima dos dois primeiros pontos da Nota (em síntese, o primeiro ponto afirma que “o primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã é a sua própria existência”, o segundo diz que “a comunidade cristã não pode deixar de tender a ter uma ideia e um seu método de enfrentar os problemas comuns, tanto práticos quanto teóricos, para oferecer como sua específica colaboração a todo o resto da sociedade”), considerando-os óbvios, porque o que eles queriam era descobrir rapidamente em quem votar. Essa postura é um exemplo daquilo que Dom Giussani diz (citei isso na Carta à Fraternidade depois do último Sínodo): “Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se um realce ‘espiritual’. O concreto seria outra coisa: o empenho sindical, a aprovação de certos direitos, a organização, [...] as reuniões, mas não como expressões de uma exigência de vida, antes, como mortificação de vida, como um peso, pedágio a ser pago a um pertencer que nos encontra ainda inexplicavelmente esperando na fila” (*Educar é um Risco*, Edusc, Bauru 2004, pp. 96-97). Que Jesus Cristo seja a salvação é um realce espiritual, o concreto seria outra coisa. Por isso o importante não é aquilo que vem antes, mas em quem devo votar (como tradução banal de “concreto”). O resto seria um realce espiritual: “tudo bem, o primeiro e segundo pontos da Nota são bons, mas o que me interessa é que alguém me dê uma indicação de voto”. Não nos damos conta de que desse modo estamos esvaziando a fé como conteúdo de uma experiência! O que se esconde, de fato, por trás dessa posição? A desconfiança de que da experiência do Movimento possa nascer um sujeito capaz de juízo crítico e de ação consciente, inclusive na política: isto é, a desconfiança de que a fé possa gerar um sujeito realmente capaz de exercitar uma responsabilidade, de julgar e de tomar posição por si, também na política. Mas isso seria a falência da experiência cristã!

E essa, a meu ver, é a grande utilidade da circunstância que precisamos enfrentar: as eleições também são para nosso amadurecimento, porque o que está em questão é se a nossa fé é capaz de contribuir para enfrentarmos a vida, se é pertinente às exigências da vida, como diz a Nota, isto é, se é capaz de educar também ao juízo político ou não. Se não, nós buscamos fora da experiência os critérios para viver a vida, inclusive a política. Em suma: está em jogo a razoabilidade da fé. Este momento eleitoral é, mais uma vez, uma possibilidade para a verificação da fé, no sentido de ver em ação qual contribuição a fé, vivida como experiência real, nos dá para enfrentarmos as circunstâncias da vida. Uma de vocês me escreveu contando sua reação vendo como alguém, diante dessa situação, resolveu ligar para um “expert”: “Independente das intenções de quem seguiu a proposta de falar com um especialista no assunto, não escondo que quando ouvi isso me senti sufocar e imediatamente pensei: será que sempre precisamos de um superior, de alguém que nos diga o que fazer? E comecei a me perguntar: por que não tentar um diálogo entre nós para falarmos sobre o trabalho que começamos a fazer a partir do juízo que a Nota nos propõe? Por que sempre precisamos buscar as razões fora da experiência? Será que sempre precisamos de um guru que finalmente nos convença sobre o que fazer ou podemos decidir por nós mesmos?”.

Nossa experiência nos permite fazer isso ou não? Se a experiência cristã não é capaz de gerar um sujeito com uma consciência clara, madura e desenvolvida a partir da própria experiência, já perdemos, não importa quem vença as eleições! “Perguntei a mim mesma: então, quando eu sigo

verdadeiramente? E de repente percebi todo o peso da sua insistência séria sobre a questão do seguir e da redução que eu faço dela. Procurar confirmações fora da própria experiência está muito ligado a reduzir o seguir a repetir o discurso de outra pessoa, ou a organização, ou ao personalismo, ou a fazer os gestos”. Isso me leva ao terceiro ponto.

3) *A Nota de Comunhão e Libertação*. Ela exprime exatamente isto, quer dizer, que a fé, se não é esvaziada do seu significado, pelo próprio fato de colocar-se no real não pode deixar de ter a ver com tudo, até com a política. É isso que devemos procurar esclarecer. Vemos entre nós pessoas capazes de estar diante da morte da mulher ou de um filho de um modo que ficamos todos de boca aberta, e dizemos que diante da política estamos derrotados! Como é possível? O Movimento é capaz de educar a estar diante da morte e não é capaz de educar a estar diante da política? A morte não nos é poupada, e se nós nos poupamos do juízo sobre a vida, sobre a morte e sobre a política, se nos poupamos o percurso que nos conduz a esse juízo, nunca poderemos ser educados. Por isso, o Mistério não nos poupa de nada. E nós não seremos amigos entre nós se evitarmos a provocação que esta circunstância eleitoral dirige a cada um; pelo contrário, somos amigos se nos ajudamos a levar a sério a nossa necessidade e a dizer, na primeira pessoa: “Eu vivo isso assim, o que você acha? Porque o seu juízo me interessa”.

Esse empenho com o conteúdo da Nota fez nascer diversas iniciativas, como o panfleto da Companhia das Obras (CDO), que é uma contribuição para um esclarecimento sobre a situação, assim como o discurso de um político ou um dado da economia podem nos oferecer elementos para podermos continuar fazendo o trabalho que cabe à comunidade cristã enquanto tal (em vista de “uma ideia sua e um método seu de enfrentamento dos problemas comuns”), a partir do qual cada um é chamado a assumir uma responsabilidade pessoal. Senão, nos apoiamos em critérios e métodos que nascem fora ou no guru do momento que nos diz o que fazer. Consequência: quanto mais o sujeito é substituído pelo outro, mais se enfraquece, se retrai. Ao contrário, quanto menos é substituído, mais cresce como sujeito. Como me dizia um de vocês: “Estou ativo como nunca havia estado! É importante que eu dê um juízo, isso é claro para mim agora, e desejado”. Chegamos, assim, ao quarto ponto.

4) *A questão da unidade e da política*. Gostaria de ler para vocês uma passagem do livro do então cardeal Ratzinger, *Fé, Verdade e Tolerância*, que me parece decisivo para entender isso: “No âmbito político [...] não existe uma opção política que seja a única justa [esta é a laicidade: não existe uma opção política que seja a única justa]. O elemento relativo, a construção da convivência humana ordenada segundo a liberdade, não pode ser absoluto [trata-se de tentativas contingentes, por sua natureza opinável, abertas a novos desenvolvimentos, sempre revisáveis] – acreditar nisso foi exatamente o erro do marxismo e da teologia política. Porém, [atenção: isso não quer dizer abraçar o relativismo absoluto, como se se tratasse de um “todos livres”, de uma “escolha religiosa”, porque uma coisa seria igual à outra] também na esfera política, o relativismo total não resolve nada. A injustiça nunca se tornará justiça [...]; a justiça nunca se tornará injustiça. Consequentemente, não podemos deixar de reconhecer um certo direito ao relativismo na área político-social. O problema está na concepção de si mesmo como ilimitado [ao invés percebê-lo como não absoluto]”.

Assim, é possível entender a passagem da *Nota doutrinal sobre a participação e o comportamento dos católicos na vida política*, lançada em 2002 pela Congregação para a Doutrina da Fé: “Não cabe à Igreja formular soluções concretas – muito menos soluções únicas – para questões temporais, que Deus deixou ao juízo livre e responsável de cada um, embora seja seu direito e dever pronunciar juízos morais sobre realidades temporais, quando fé ou a lei moral o exijam. Se o cristão é obrigado a ‘admitir a legítima multiplicidade e diversidade das opções temporais’, é igualmente chamado a discordar de uma concepção do pluralismo em chave de relativismo moral, nociva à própria vida democrática, que tem necessidade de bases verdadeiras e sólidas, ou seja, de princípios éticos, que por sua natureza e função de fundamento da vida social, não são ‘negociáveis’. No plano da militância política concreta, é preciso notar que o caráter contingente de algumas escolhas em matéria social, o fato de muitas vezes serem moralmente possíveis diversas estratégias para realizar

ou garantir um mesmo valor substancial de fundo, a possibilidade de interpretar de maneira diferente alguns princípios basilares da teoria política, bem como a complexidade técnica de grande parte dos problemas políticos, explicam o fato de geralmente poder haver uma pluralidade de partidos, dentro dos quais os católicos podem escolher militar para exercer – sobretudo através da representação parlamentar – o seu direito-dever na construção da vida civil de seu País. Tal constatação óbvia não pode todavia ser confundida com um indistinto pluralismo na escolha dos princípios morais e dos valores substanciais, aos quais se faz referência” (II, 3).

Essa é a palavra da Igreja, que julga a particularidade da realidade política e seu próprio relacionamento com ela. Será que em nome da fé podemos impor a todos nossa opção política? Por isso, pedir que o Movimento “saia a campo” dizendo em quem votar significa anular tudo o que acabamos de dizer. Imaginem que, não conseguindo a - no entanto - desejável unidade na escolha política, os católicos pedissem ao Papa ou ao presidente de uma conferência episcopal nacional para lhes dizer em quem votar! É evidente porque a Igreja não faz isso, salvo em uma situação de emergência: se nós queremos salvaguardar nossa identidade eclesial neste nível, não podemos deixar de levar isso em conta, ajudando-nos a entender como isso é decisivo. Assim como não mandamos “inspetores” até as obras que surgem a partir do pertencer à igreja. Mas, então, se não “saímos a campo” com uma indicação de voto, quer dizer que estamos divididos? Respondo com uma carta que recebi de um universitário: “Queria contar um fato muito simples que aconteceu nesses dias em relação ao desafio que você nos lançou de verificação da fé através da Nota do Movimento sobre a situação política. Quinta-feira passada veio pela primeira vez na Escola de Comunidade um rapaz que tinha nos conhecido uma semana antes. A Escola de Comunidade foi sobre a comparação com a Nota do Movimento. Foi uma hora realmente explosiva: um monte de perguntas, num diálogo cerrado de amigos vivazes, desejosos de entrar no mérito das questões para descobrir algo para si, não de modo analítico, mas verificando na experiência o primeiro ponto fundamental da Nota: “O primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã é a sua própria existência”. Perguntávamo-nos: é verdade que a comunidade cristã, somente pelo fato de existir, é uma presença que muda, que incide na história? O que muda o coração e, conseqüentemente, muda o mundo? Apesar dessa grande provocação, olhava para o menino que tinha vindo pela primeira vez e, de modo moralista, pensava: o que será que ele vai pensar disso, talvez ele esperasse um encontro espiritual, onde se falasse dos evangelhos e, ao invés, ouve falar o tempo todo de pessoas que olham as eleições políticas para crescer. Dentro de mim, pensava: ele vai ficar escandalizado e não virá mais. O que me impressionou foi que no dia seguinte me contaram a reação desse novo amigo em relação a estes dias que passou conosco. Ele disse: “O que me tocou é que eu imaginava a Igreja como um monte de regras a serem seguidas, mas lendo a Nota e olhando para vocês percebo que entre vocês há uma companhia que não tem medo de desafiar a liberdade de cada um, que vocês são livres e que se lançam até o fundo em primeira pessoa, inclusive na questão do voto”. Fiquei boquiaberto com fato dele, com simplicidade, perceber melhor do que eu que, na verdade, a unidade da nossa experiência vem antes, antes de qualquer iniciativa, antes da marcação de qualquer voto, que a unidade verdadeira só é possível se há alguém que une, alguém que não tem medo de me desafiar, mais, que quer me desafiar porque se importa com o meu crescimento mais do que com a solidez política. Essa unidade é uma presença, tanto que permite que alguém que não nos conhece e tem ideias diferentes das nossas possa reconhecer que vale a pena estar nessa companhia, que aqui há a promessa da qual você falava depois do Sínodo. Ele perguntou se poderia vir à Escola de Comunidade quarta-feira à noite. Agradeço a você porque essa circunstância eleitoral nada clara, que normalmente considero como uma situação que preciso suportar tapando o nariz está se tornando ocasião de educação onde a minha liberdade é amada até a implicação última – o voto – e onde realmente está em discussão a minha experiência cristã, a minha fé. Não a fé como álibi para eliminar meu interesse pelas coisas concretas, mas o encontro cristão como a coisa mais concreta para me tornar livre, desejoso e ávido. De manhã, acordo e me pergunto: o que realmente espero hoje? O que procuro? Espero o olhar de Cristo que se importa com minha humanidade inteira. “Só isso pode me tornar livre”.

5) *Objetivo da educação*. “O objetivo da educação é o de formar um homem novo. Portanto, os fatores ativos da educação devem tender a fazer com que o educando aja cada vez mais por si mesmo, e sempre mais por si em frente o ambiente [quer dizer, que não dependa passivamente dos outros, mas enfrente cada vez mais por si o ambiente, isto é, os desafios da vida]. É preciso, então, de um lado, colocá-lo constantemente em contato com todos os fatores do ambiente e, de outro, deixar-lhe a responsabilidade da escolha” (L. Giussani, *Educar é um Risco*, Edusc, Bauru 2004, p. 72). Não façamos o contrário! Não tiremos o risco da escolha, como se nós já tivéssemos resolvido a questão! A política já está esvaziada de qualquer participação. Resta apenas a possibilidade de ir votar, mas se nos pouparmos até dessa decisão (ou se queremos poupar os outros dela), que tipo de educação estamos dando? Ao invés de encher de conteúdo o ponto um da Nota, do qual nasce a clareza para o ponto dois, nós de fato esvaziaremos educativamente o ponto um e o dois se formos direto para o ponto três. Se esse fosse o objetivo do Movimento, não me interessaria.

Por isso, me parece que essas eleições são uma ocasião preciosa, neste Ano da Fé, para entendermos a própria natureza da fé. Como já disse na entrevista ao jornal *Corriere della Sera*, um ano atrás, nós defendemos uma experiência de fé que tem a ver com tudo, até com a política, exatamente pela natureza da fé. Mas afirmar isso não implica “passar por cima” daquele relativismo do qual falava Ratzinger, que é próprio da natureza da política. Ajudarmo-nos a entender isso, pode ser um passo importante, porque aqui se joga a natureza da experiência cristã.

Escutem o que nos diz o beato João Paulo II na *Christifideles Laici*: “Não pode haver na sua existência duas vidas paralelas: por um lado, a vida chamada ‘espiritual’, com os seus valores e exigências; e, por outro, a chamada vida ‘secular’, ou seja, a vida da família, do trabalho, das relações sociais, do empenho político e da cultura. O ramo, incorporado na videira que é Cristo, dá os seus frutos em todos os âmbitos da atividade e da existência. De fato, os vários campos da vida laical entram todos no desígnio de Deus, que os quer como o ‘lugar histórico’ em que se revela e se realiza a caridade de Jesus Cristo para a glória do Pai e ao serviço dos irmãos. Toda a atividade, toda a situação, todo o empenho concreto – como, por exemplo, a competência e a solidariedade no trabalho, o amor e a dedicação na família e na educação dos filhos, o serviço social e político, a proposta da verdade no âmbito da cultura – são ocasiões providenciais de um ‘contínuo exercício da fé, da esperança e da caridade’” (Exortação Apostólica *Christifideles laici*, n. 59).

Por isso, partir da nossa necessidade de clareza ajuda, em todas as discussões, a desafiarmo-nos mutuamente a um uso não racional da razão, colocando perguntas, dando razões da nossa escolha, para ver se ela é capaz de ficar de pé diante das objeções de quem – como eu – está em busca do bem comum. Então, pode ser que descubramos que aquilo que pensamos ter entendido não é tão evidente assim, que talvez não tenhamos entendido que é preciso retomar do ponto um, dois, três da Nota. Enchê-los de carne, de razões, de experiências. E se encontramos alguns que não fizeram este percurso porque pensam que tudo já está resolvido, não é que devemos refazer o discurso para eles. É preciso entrar no mérito daquilo que diz uma ou outra pessoa, desafiando com as razões, os dados, sua posição, para nos ajudarmos, juntos, a esclarecer as coisas. Mas se nós, em primeiro lugar, não fazemos o percurso, se não levamos a sério as perguntas (por exemplo: “Temos certeza de que sabemos como as coisas estão?”, “Levamos em conta este ou aquele fator?”), nós não nos ajudamos. Não é que o primeiro que passa na rua, quem quer que seja pode me dizer que tudo está claro sem me dar as razões, porque nesse assunto, o único argumento com autoridade são as razões que carregam. Nesse âmbito, podemos dizer por analogia que não há um “direito revelado” (nem mesmo para os mais entendidos), nem a Igreja o tem. Olhar para o que Bento XVI disse no famoso discurso de Bundestag: “Cada pessoa que tem responsabilidade deve ela mesma procurar os critérios da própria orientação”. E por que deve fazê-lo? Porque “ao contrário das outras grandes religiões, o cristianismo nunca [nunca!] impôs ao Estado e à sociedade um direito revelado. Ao contrário, apelou para a natureza e a razão como verdadeiras fontes do direito [...], reconhecendo como fonte jurídica válida para todos [que, a meu ver, é a chave de tudo] a razão e a natureza na sua correlação” (Bento XVI, Discurso no Parlamento Federal de Berlim, 22 de setembro de 2011), quer dizer, reconhecendo a experiência como fonte de conhecimento (por isso Giussani sempre insistiu que “a realidade torna-se transparente” na experiência). Se a fonte para decidir não vem da própria experiência que fazemos na comunidade cristã, estamos reconhecendo de fato que a fé não

consegue gerar um sujeito capaz de se esclarecer sobre essas coisas e inevitavelmente buscará a fonte do juízo em outro lugar, fora da fé.

Assim, voltamos à origem do Movimento. Porque foi isso que Dom Giussani fez: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi” (*Educar é um Risco*, p. 16). Qual era o método? A experiência: comparar tudo com as exigências do coração. Se não chegamos a isso, pouco me importa os esclarecimentos, porque significaria que nós, no final, buscamos os critérios para a escolha eleitoral fora da experiência que fazemos. É isso que está em jogo hoje. Se a experiência da fé nos ajuda a chegar a um juízo, embora contingente, também na política, este juízo carregado de razões, pode se tornar o início de um diálogo com os outros. E é somente comunicando as próprias razões que podemos continuar “em busca da unidade” também na política, por causa do testemunho da fé, do qual Dom Giussani sempre nos falou.

Esse é o nosso problema educativo, esse é o problema do Movimento, porque para nós o período eleitoral é uma ocasião para dizer o que é a fé e que a contribuição da fé também tem um valor civil e político, senão, acabamos considerando a fé como um realce espiritual, uma coisa interna – “para nós” –, e, no âmbito político, precisamos usar outros critérios. É muito significativo o exemplo que Dom Giussani propõe em relação ao primeiro item da Nota: “A multiplicação e a dilatação de comunidades cristãs vitais e autênticas não pode deixar de determinar o nascimento e o desenvolvimento de um movimento em que a influência sobre a sociedade civil tende inevitavelmente a ser de um relevo cada vez maior [...] Se me permitem, mais uma vez, comparar as coisas pequenas com as grandes, gostaria de dar, aqui, o exemplo do movimento beneditino. [...] Esse movimento influenciou até ‘o código da vida civil da época’ graças à multiplicação, a centenas e milhares, das suas comunidades de oração e de trabalho, em volta dos quais a própria vida civil readquiria consistência” (Luigi Giussani, *O Movimento Comunhão e Libertação*, Jaca Book, Milão, 1987, p. 119). Diferente de escolha religiosa! Ao contrário, quanto mais o cristianismo é esvaziado de sua consistência histórica, ou seja, quanto mais a fé é vivida de modo reduzido, negada na sua capacidade de investir a totalidade do sujeito, mais nossas expectativas de mudança, de incidência são depositadas na “política” (em sentido estrito). Como sempre me diz um amigo, ninguém se lembra quem era o rei no tempo de São Bento, mas todos se lembram de São Bento. Essa é a incidência histórica da comunidade cristã.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade [com padre Carrón] acontecerá na quarta-feira, 27 de fevereiro, às 21h30. Retomaremos a Assembleia e a Síntese dos Exercícios do CLU.

O livro do mês para fevereiro ainda será o livro do Papa *A Infância de Jesus*. Nós o propomos ainda por um mês, para sugerir a todos lê-lo ou completar a leitura.

Os Exercícios da Fraternidade [no Brasil] acontecerão de 03 a 05 de maio.

Banco Farmacêutico Sábado, 9 de fevereiro acontece na Itália, Espanha e Portugal, o XIII Dia Nacional de Coleta de Remédios, organizado pela Fundação Banco Farmacêutico. Trata-se de um importante gesto de gratuidade e partilha que ajuda, sobretudo neste período de crise econômica, aos mais pobres. Para informações, acesse o site www.bancofarmaceutico.org

Veni Sancte Spiritus